

| Coluna

PEDRO NAVA

Por Franklin Jorge

MINEIRO DE ASCENDÊNCIA CEARENSE, piauiense e pernambucana, Pedro Nava passou sem transição, segundo o crítico Wilson Martins, “da categoria algo ambígua de escritor bissexto para o plano mais rarefeito dos grandes escritores”, ao lançar-se memorialista, publicando em 1973 “*Baú de Ossos*”, livro que monopolizou os círculos culturais e o cumulou de prêmios e do reconhecimento dos leitores que sufragaram com avidez a sua arte literária plena de experiência vivida e de cultura adquirida.

Privilegiado desde as suas origens por uma rica e pletórica vivência pessoal e ancestral, sua estréia, já na compulsória, foi um desses acontecimentos extraordinários, únicos e inesquecíveis que somente muito raramente ocorrem no mundo das letras, ao resgatar, pela escrita, a memória de antigos vivos, dando-lhes, a esses mortos magicamente ressuscitados através do dom estético, na feliz e exata expressão drummondiana, uma segunda vida – a imortalidade que a arte proporciona.

Sua obra de memorialista compõe com requintes de esteta um novo e impressionante paradigma literário que o aproxima — sem despersionalizá-lo — da técnica narrativa de Proust, autor tantas vezes citado em seu livro, pois em ambos é grande e misterioso o fascínio exercido pela *memória involuntária*, essa grande descoberta proustiana que faz de Nava mais que um mero registrador de lembranças suas e alheias. Um grande criador literário.

Conheci-o no Rio, numa época imediatamente anterior à sua glorificação pública, como escritor, condição havia muito reconhecida por todos, nos mais exclusivos e seletos círculos intelectuais do País, que não lhe sonjavam aplausos ao poeta bissexto, autor de uma obra-prima do verso, ao artista das formas cambiantes, ao médico e ao notável professor universitário autor de teses científicas consideradas por seus pares da Academia.

Cercado de lembranças materiais e imateriais, vivendo sem filhos ao lado de Dona Antonieta, em seu recanto da Glória, Pedro Nava iluminava a conversa, para ele uma arte inexecedível, com espírito e bom humor peculiares. Pareceu-me, naquele primeiro encontro, um desses artistas da palavra que são igualmente grão-senhores, por suas maneiras aristocráticas, polidez, cultura humanística, origem e tradição, palavra que lhe era tão cara e naturalmente destituída de pedantismo.

A conversa fluiu, naquela manhã inesquecível, cheia de evocações literárias e geográficas, gastronômicas e históricas, que abarcavam desde Proust, Cascudo e a alimentação no Brasil, Gilberto Freyre e o luso-tropicalismo, o Nordeste como um país muito antigo, Mário de Andrade e Natal, a poesia que é imortal e pobre e, num dado momento, Pernambuco e os Wanderley da Fonseca, minha origem paterna que ele associou imediatamente aos velhos troncos do Engenho Mangueira e a outros troncos veneráveis.

Nava recebeu-me com aquela espécie de atenção e curiosidade que encantam aos jovens em seus relacionamentos com homens mais velhos, aos quais, por sua cultura e experiência, instintivamente admiramos, neles reconhecendo essa espécie de farol ou de mestre, na exata e simbólica acepção baudelairiana do termo.

FRANKLIN JORGE (Rio Grande do Norte) - Escritor e Jornalista. Vencedor do Premio *Luis Câmara Cascudo* em 1998 com o Livro: *Ficções Fricções Africções* (1997).